



O MÉTODO RECEPCIONAL COMO UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM CONTOS PARA ÚLTIMAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Janeide Dias Vieira (1); Patrícia Valéria Vieira da Costa (2)

Universidade Estadual da Paraíba- Janiede1dv@hotmail.com (1); Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade- patriciacosta_mcc@hotmail.com (2)

RESUMO: Os esforços a fim de se entender como o processo de leitura se efetiva têm sido muitos e, por isso, estudos e propostas sistematizados estruturam um verdadeiro arcabouço na tentativa de elucidar o tema. Porém, os índices de proficiência em leitura na educação básica sugerem uma conclusão: os resultados desses estudos, que culminam em propostas e métodos, ou não chegam ao conhecimento do professor ou, se chegam, eles não os utilizam. Destarte, um dos objetivos da escola, que é a formação de leitores autônomos e críticos, não tem sido atingido. Com base nesse fato a presente pesquisa intitulada como “O método recepcional como uma proposta de trabalho com contos para últimas séries do Ensino Fundamental” visa apresentar para o trabalho com a leitura, nesse nível, o método recepcional proposto por Bordini & Aguiar (1988), cuja base é a teoria da Estética da Recepção formulada por Jauss (1997), a partir de uma seleção de contos infantis e juvenis extraídos do repertório literário contemporâneo brasileiro. Entende-se que embora as diferenças individuais de aprendizagem sejam reais, proporcionar ao professor a possibilidade de coadjuvar vários métodos no trabalho pedagógico com a leitura pode culminar com o objetivo maior da aula de língua que é a formação de leitores. Para respaldar o estudo dialogaremos, além dos autores já mencionados, com Santos (2008), Zilberman (1989) Bordini e Aguiar (1988)

Palavras-chave: Método recepcional. Processo de leitura. Formação de Leitores.

1 INTRODUÇÃO

Muitos são os estudos que apontam a importância da literatura para a formação do indivíduo. Paradoxalmente, no Brasil, o índice de proficiência em leitura revelado por pesquisas nacionais e internacionais ainda marca o país em posição aquém, se comparada à dos países desenvolvidos. Vale destacar que, apesar dos estudos e propostas sistematizados estruturarem um verdadeiro arcabouço na tentativa de elucidar o tema, os resultados desses estudos, que culminam em propostas e métodos, ou não chegam ao conhecimento do professor ou, se chegam, eles não os utilizam. A implicação é que entre as muitas razões para justificar a ineficiência de leitura no Brasil é pontuado a impossibilidade de ensinar a ler com prazer (você gosta de ler ou você não gosta). Entretanto, o que os estudiosos propõem é que o prazer pela leitura pode sim ser ensinado e despertado. E, a escola é apontada como um lugar privilegiado, para que a prática de leitura seja



aprimorada, e em muitos casos iniciada. Aquele a quem teoricamente cabe ensinar essa prática é o professor. Porém, para essa tarefa é preciso método e empenho do docente. É preciso a ruptura com o modelo de aula de literatura que se funda ao que propõe os livros didáticos. É fundamental a consciência que cristalização do ensino de literatura para uso didático com mero pretexto para o ensino de gramática precisa ser rompida.

Vale ressaltar que, embora alguns estudos mostrem que existe um consenso na comunidade escolar sobre a importância da leitura literária, na ação pedagógica a obra literária continua a ser trabalhada de forma fragmentada, com referência em recortes do livro didático. Sobre essa questão Bordini e Aguiar (1988, p.33) pontua:

Quanto aos objetivos, os professores se atem à natureza do hábito de ler, preocupando-se com formar o hábito de leitura e desenvolver o potencial criativo e crítico dos alunos, procurando, ao mesmo tempo, atender aos interesses dos mesmos. Entretanto, a presença maciça do livro didático e a ausência da obra literária, na íntegra, tornam tais metas inexecutáveis.

Apesar dessa pesquisa de Aguiar (1988) datar do século passado e de que os avanços de leitura no Brasil estejam sendo registrados, o país ainda aferiu na questão de capacidade de leitura máxima no PISA de 2012, que aponta apenas 0,5% dos jovens como capacitados para compreender um texto desconhecido, na forma e no conteúdo, e realizar uma análise elaborada sobre. Os resultados aferidos nesses programas têm contribuído para que muitas sejam as ações em direção a mudar de forma significativa a situação de leitura no país.

Nos últimos anos os documentos oficiais, a exemplo das diretrizes curriculares de língua, têm apontado algumas propostas para que a abordagem pedagógica de literatura seja redimensionada e sua função formadora seja efetiva. Uma das sugestões presentes naquele documento é trabalhar a leitura a partir do método recepcional, como uma estratégia possível de formação leitora.

O método recepcional, nos seus pressupostos, considera a relação autor- texto-leitor como indissociáveis. Esse método tem como conceito essencial “a questão de horizonte de expectativa”, conjunto de todas as convenções estético – ideológicas que possibilitam a produção/ recepção de um texto” (Jaus apud Bordini; Aguiar, 1988, p.83). Para as autoras é obrigatório o entrelaçamento de expectativas presentes na ação de produção/recepção, “uma vez que as expectativas do autor se



traduzem no texto e as do leitor são a ele transferida” (BORDINI E AGUIAR, 1988, p. 83). É através da leitura do texto que os horizontes do intérprete e do autor se encontram. Essa perspectiva é validada pelas cinco etapas que constituem o método, a saber: determinação do horizonte de expectativas, atendimento ao horizonte de expectativas, a ruptura do horizonte de expectativas, questionamento do horizonte de expectativas, e ampliação do horizonte de expectativas.

Esse estudo que se funda em uma investigação aos pressupostos da Estética da Recepção e as interfaces dessa teoria com o Método Receptional, na intenção de auxiliar na prática do professor de línguas no tocante ao trabalho com contos literários nas séries finais do ensino fundamental. A proposta é apresentar a possibilidade de realizar um trabalho com o texto literário em que a aula expositiva, os exercícios de interpretação e o uso maciço do livro didático abram espaço para o trabalho com obras literárias escolhidas a partir do universo de expectativas do aluno, e possibilite a esse uma ampliação daquele. Dentro dessa perspectiva essa pesquisa sugere o trabalho com os contos: *Clínica de Repouso* (Trevisan, 1994); *Luz sobre a porta* (Vilela, 1998); *O tesouro no Quintal* (Scliar, 2007); *Felicidade Clandestina* (Lispector, 1996); *Conto 73** (Trevisan 2002); *Circuito Fechado* (Ramos, 1978), para as últimas séries finais do ensino fundamental.

2 METODOLOGIA

O percurso investigativo seguiu um levantamento bibliográfico de materiais publicados em livros, revistas e redes eletrônicas. Nessa fase foram compiladas informações acerca de propostas metodológicas para o ensino da literatura, com foco no Método Receptional. Esse incurso bibliográfico permitiu analisar os pressupostos teóricos da Estética da Recepção, justificar a opção por um método , apresentar as etapas do método escolhido e exemplificar uma proposta didática para o trabalho com os contos.

Na fase final dessa pesquisa se apresentou a possibilidade de trabalhar o texto literário nas séries finais do ensino fundamental a partir do Método Receptional. Para tal utilizamos como obras, os contos : *Clínica de Repouso* (Trevisan, 1994); *Luz sobre a porta* (Vilela, 1998); *O tesouro no Quintal* (Scliar, 2007); *Felicidade Clandestina* (Lispector, 1996); *Conto 73** (Trevisan 2002); *Circuito Fechado* (Ramos, 1978), apresentando uma abordagem dos mesmos com base nas etapas do método escolhido.

3 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO UM NOVO OLHAR SOBRE O LEITOR



O ciclo literário composto por autor, obra e leitor são a tônica dos estudos da Estética da Recepção. Nessa teoria a obra literária está marcada pelas questões históricas e culturais no tocante a produção e a recepção. A Estética da Recepção foi formulada por Hans Robert Jauss e seus companheiros da escola de Constança, no final dos anos 60. A questão colada em foco nessa teoria é o problema da história da literatura, conforme destaca Zilberman (1989, p.09) “A análise de Jauss leva-o a denunciar a fossilização da história da literatura, cuja metodologia estava presa a padrões herdados do idealismo ou do positivismo do sec. XIX.”

O texto literário, no passado, era tratado com noção idealista, sem considerá-lo como “como um produto de circunstâncias históricas e ideológicas, com as quais dialoga e diante das quais se posiciona (Paiva et al, 2008).” Colocar o texto nessa perspectiva é desmerecer o terceiro elemento da tríade literária, o leitor. Sobre essa questão Zilberman (1989, p.10) coloca “a estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda o foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor o “terceiro Estado”, conforme Jauss a designa.”

Ao trazer o leitor para o circuito literário Jauss, além de aproximar a obra do leitor, passa a considerar o texto literário como historicamente situado, abrindo a possibilidade de uma interpretação dialógica, rompendo a sacralização do texto que favorecia uma única hermenêutica. Essa, considerada absoluta, focava apenas a proposta do autor, negando ao leitor o seu papel de intérprete historicamente situado. Corroborando com essa perspectiva destacamos

Essa teoria abandona a noção idealista do texto literário, entendendo-o como um produto de circunstancias históricas e ideológicas, com as quais dialoga e diante das quais se posiciona. Mostra-o como objeto isento de sacralidade, próximo do leitor e seu aliado no processo de emancipação a que ambos visam, e por consequência, estabelece uma ponte entre a literatura e a vida prática, facilitando a interlocução entre as duas. A obra fica mais próxima do leitor, e este sente-se mais à vontade para estudá-la enquanto estrutura de comunicação e fenômeno histórico. (Paiva et al, 2008, p. 41)

Propor a experiência estética dentro dessa perspectiva coloca o exercício da leitura como uma condição *sine quo nom* para que possibilidades de identificação ou estranhamento comuns entre o leitor e a obra sejam possíveis. Nesse sentido, a promoção de atividades de leitura na escola deve ser uma prática constante na aula de língua. A abordagem textual no âmbito desse espaço deve ser operacionalizada por propostas metodológicas que embasem o trabalho docente, para que o contato obra – leitor seja efetivo e eficaz.

Bordini e Aguiar (1988) propõem cinco métodos para o trabalhar com o texto literário na aula de literatura. Dado as limitações dessa pesquisa se elegeu um desses métodos. Embasaremos



uma reflexão a respeito dessa possibilidade de eleição que se fundamenta, sobretudo, em munir o docente de conhecimento sobre as metodologias possíveis para utilizar o trabalho de leitura com os diversos gêneros literários.

3.1 A opção por um Método

O que é o método? Buscando etimologicamente um significado para o termo, temos que método é caminho pelo qual se atinge um objetivo. Russ (2010, p. 16) assegura: “o método é antes de tudo, como indica a etimologia, uma via ou caminho(hodos) para(meta): um conjunto de procedimentos lógicos e racionais, que permitem a chegar a um fim.” O mesmo autor propõe: “o método, longe de circunscrever-se a um campo estreito, constitui um instrumento universal pedido pelas próprias exigências da vida e da existência” (RUSS, 2010, p.16). Já o conjunto de técnicas e maneiras que se pode utilizar é o que chamamos de metodologia. Dentro dessa perspectiva Abbagnano (2000, p.669), afirma : “ela é elaborada no interior de uma disciplina científica ou de um grupo de disciplinas e não tem outro objetivo além de garantir às disciplinas em questão o uso cada vez mais eficaz das técnicas de procedimentos de que dispõe”.

Assim, ao observar a aula de línguas, verificamos que quanto ao consenso a respeito da importância da leitura literária e escolarização inadequada da literatura, parece pertinente o uso de técnicas que tornem a atividade de leitura do literário uma realidade nas aulas de literatura. Nesse sentido, são nos métodos que de acordo com as definições acima estarão reunidas essas técnicas. Porém, ao pensar numa maneira de favorecer a ação leitora, devemos ter em mente que optar por esse ou aquele método para o trabalho com o texto literário não implica colocá-lo na esfera de uma prescrição engessada; antes, pressupõe exemplificar uma possibilidade de abordagem para o trabalho com a literatura, sobretudo se considerarmos que algumas pesquisas apontam que estudos metodológicos no âmbito da literatura são incomuns em nossa prática.

Sabemos que a crítica literária e seus estudos enumeram outros métodos de trabalho possíveis com o texto literário. Nossa eleição parte de considerações entre os diferentes métodos e conforme assevera Bordini e Aguiar (1988, p.40) entender que:

A tarefa de um metodologia voltada para o ensino da literatura está em, a partir dessa realidade cheia de contradições, pensar a obra e o leitor e, com base nessa interação, propor meios de ação que coordenem esforços, solidarizem a participação nestes e considerem o principal interessado no processo: o aluno e suas necessidades enquanto leitor, numa sociedade em plena transformação.



Ao exemplificar a possibilidade de usar um dentro dos diferentes métodos para abordagem do texto literário, o propósito é coadunar com essa perspectiva das autoras e partir do lugar do aluno e de suas necessidades enquanto leitor para favorecê-lo no exercício de construção dos sentidos do texto em estudo, contribuindo para preencher de forma coerente os vazios intencionais presente nas obras.

3.2 O Método Recepcional e sua interface com a Estética da Recepção

O método recepcional tem sua base conceitual calcada na estética da recepção, cuja ideia central é a questão histórico-cultural da produção / recepção. Essa visão é contrária à das correntes positivistas, em que o fenômeno literário era entendido somente a partir de sua produção. Conforme destaca Bordini e Aguiar(1988, p. 81):

Se o historicismo positivista entende os fenômenos literários como determinados pelo os fatos sociais numa relação de origem unilateral, em que a obra é sempre consequência e nunca causa, o conceito de historicidade da teoria recepcional é o de relação de sistemas de eventos comparados num aqui-e-agora específico. A obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no que agora é estudada.

Ao se observar “os fenômenos literários” dessa perspectiva pode-se perceber um redimensionamento no conceito de literatura, em que o universo textual e a atividade leitura são partes integrantes do circuito literário. Ou seja, a ação situada do intérprete (leitor) ganha relevo ao apreciar o objeto artístico e passa a integrar a nova dimensão da literatura enquanto sistema. Neste sentido, o que ganha destaque é a questão da recepção. Essa, conforme Bordini e Aguiar (1988, p.82) é concebida pelos teóricos alemães “como uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento da sua produção como no da sua leitura, que pode ser estudada esteticamente, o que dá ensejo à denominação da teoria de estética da recepção.

Nessa perspectiva, o relacionamento obra e leitor passa a ser imperativo para que a obra alce sua condição de elemento artístico. O leitor busca estabelecer com a criação artística um diálogo com suas experiências pessoais e com contexto em que está inserido. Embora essa relação marque as questões relacionadas com as expectativas do ledor, não neutraliza as impressões de caráter intraliterário. Nesse sentido, a comunicação entre texto e ledor se estabelece a partir de normas prévias implícitas no próprio texto. Sobre estes condicionantes na comunicação obra e intérprete Ziberman (1989, p.65) assinala:



De um lado, situa-se o efeito, condicionado pela obra que transmite orientações prévias, e de certo modo, imutáveis, porque o texto conserva-se o mesmo, ao leitor; de outro a recepção, condicionada pelo leitor que contribui com suas vivências pessoais e códigos coletivos para dar vida à obra e dialogar com ela.

Bordini(1988), quando reflete sobre essa questão de comunicação situada entre a obra e o leitor, lembra que esses dois “sujeitos”, geralmente, estão em “horizontes históricos” diferentes. Dentro dessa vertente de comunicação a autora destaca que diferente da comunicação social em que os interlocutores interagem mutuamente, a comunicação texto e leitor depende do imaginário desse último, para que os espaços vazios do texto sejam preenchidos, ou outros espaços lhes sejam imputados.

É partir dessa percepção de comunicação entre os parceiros do processo literário que, segundo a autora Hans Robert Jauss, se estabelece a questão do horizonte de expectativas, etapa do processo de comunicação entre texto e leitor em que, para Jauss (1971), as questões de ordem estético- ideológicas que possibilitam a produção/recepção estarão patentes. Nesse sentido, o tecido ficcional passa a ser o território em que a confluência dos horizontes de expectativas do autor e do leitor ganha corpo, conforme assevera Bordini e Aguiar (1988, p. 83) “o texto se torna campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se.” Essa reflexão marca a questão da importância que a noção de horizonte ocupa dentro da estética da recepção.

A aplicação dos pressupostos da estética recepção ganham corpo didático-pedagógico para a literatura exatamente a partir do método recepcional, uma vez que seu cerne conceitual enfoca a necessidade de na prática pedagógica o professor tomar o horizonte de expectativa em relação vivência literária do aluno, em um movimento de questionamento, ruptura e alargamento desse horizonte.

Dentro da perspectiva de método algumas etapas para o trabalho com o texto literário são apontadas por Bordini e Aguiar (1988), a saber:

- 1) *Determinação do horizonte de expectativas*- essa fase é apontada como uma etapa de levantamento da extensão de conhecimento e preferências dos alunos acerca dos textos literários. As formas sugeridas para essa apuração abrangem observação das reações dos alunos quando expostos a um número variado de obras, debates, entrevistas, discussão, etc.
- 2) *Atendimento ao horizonte de expectativas* - nessa etapa o movimento do professor estará pautado em três sentidos: o texto literário oferecido, as estratégias de ensino e as atividades.

A materialização desses elementos devem considerar as expectativas levantadas na etapa



anterior, procurando corresponder aquilo que é esperado, mais sempre optando por variar as atividades.

- 3) *A ruptura do horizonte de expectativas* - nesse momento as ofertas dos textos e das atividades devem romper com “as certezas e costumes dos alunos.” O que deve prevalecer são temas, o tratamento, a linguagem. Já os “recursos compositivos devem ser radicalmente diferentes.” Essa progressão de dificuldade deve fazer o aluno sentir-se desafiado por estar sendo posto em contato com novos textos, mas ao mesmo tempo está sendo considerado seu grau de evolução como leitor.
- 4) *Questionamento do horizonte de expectativas*- nessa fase o aluno é convidado a refletir sobre as etapas anteriores. Essa reflexão tem como propósito emitir um juízo de valor a respeito dos temas e construção ficcional que mobilizaram mais esforço para encontrar sentidos possíveis e a partir daí pontuar quais trouxeram mais satisfação.
- 5) *Ampliação do horizonte de expectativas* – Essa é a etapa de confronto. Aqui o aluno é levado a fazer um paralelo de suas expectativas iniciais com aquilo que para ele importa agora, após o contato com as diferentes propostas de leituras. Qual a dimensão das novas expectativas e como se alargou sua capacidade de compreensão do novo?

Para que essas etapas sejam efetivas no trabalho com o texto literário a mediação do docente é fundamental, o que implica a necessidade de bom repertório de leitura por parte do professor, a fim de que ele consiga caminhar pelas etapas do método de forma fluente. Essa prática, por fim, trabalhar o texto literário com vistas a congregação dos elementos acima descritos para que o aluno venha a tornar-se agente do processo de aprendizagem.

4 CONTOS NO CONTEXTO DA SALA DE AULA – UMA ABORDAGEM A PARTIR DO MÉTODO RECEPCIONAL

A partir das reflexões propostas nessa pesquisa, vamos agora listar alguns contos como sugestão para uma abordagem pelo Método Receptional nas últimas séries do Ensino fundamental. Para efeito de demonstração da técnica optamos pelos seguintes contos : *Clínica de Repouso* (Trevisan,1994); *Luz sobre a porta* (Vilela, 1998); *O tesouro no Quintal* (Scliar, 2007); *Felicidade Clandestina* (Lispector, 1996); *Conto 73** (Trevisan 2002); *Circuito Fechado* (Ramos, 1978).

4.1 Etapas do Método Receptional como procedimento didático:



1. Determinação do horizonte de expectativas

Nessa etapa de averiguar os interesses dos alunos a respeito de suas preferências no gênero a ideia é utilizar um questionário monitorado por perguntas abertas elaboradas pelo professor, como por exemplo: Você costuma ler muito conto? Qual a frequência? Qual a motivação para você ler o gênero conto? É o gênero de sua preferência? Por que? Quantos contos em média você já leu? Alguma obra lhe marcou de forma especial? Qual e o porquê? Quais autores nesse gênero que você mais gosta de ler? Com que frequência a leitura de contos era uma atividade utilizada nas aulas de Português nas séries anteriores?

De forma hipotética vamos considerar que averiguamos que o repertório de leituras de contos dos alunos é pouco variado. Que percebemos que eles têm interesses por aqueles contos que trazem questões de sentimentos e sensações dos personagens.

2. Atendimento do horizonte de expectativa

Essa fase está relacionada a anterior. Pelo o que foi apurado naquela fase percebemos que alguns contos contemporâneos trazem as questões que foram eleitas pelos alunos como importantes. Nesse momento, o professor deve se movimentar no sentido de tornar real o encontro obra/leitor que atenda as expectativas observadas. Para isso, as ações adotadas pelo docente podem ser diversas, como “estantes” com livros variados em sala, cartazes de anúncios com títulos de diversos contos, catálogo, vídeos que exponham um número variado de obras. Nesse momento em que o aluno está tendo contato com os variados nomes de contos, nomes de autores e com alguns livros, o professor deve ser um atento observador, fazendo registro da frequência de interesse por determinados livros, nomes de contos ou autores em detrimento de outros. A partir desse registro, o professor elege dentre os textos/autor mais apreciados/referenciados pelos alunos, um conto para ser trabalhado. Com base desse registro o professor divulga o texto escolhido.

A partir dos registros feitos pelo docente nessa etapa o texto a ser escolhido apontou para o conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector. Começa então o trabalho com a obra a partir de uma leitura individual e silenciosa. Após essa leitura o professor deve ler o texto em voz alta e provocar a interação dos alunos, a partir de perguntas previamente elaboradas e que promovam a busca de sentidos do texto. O trabalho com o texto pode se estender por mais encontros. Uma sugestão é pedir que os alunos conversem com seus familiares, amigos, ou parceiros da comunidade escolar a respeito de pessoas que eles conhecem e que gostem muito, mais muito mesmo de livros e de ler. Encontrada essa pessoa ela pode ser convidada a vir numa aula e falar sobre a relação que



estabelece com os livros e com a leitura.

3. Ruptura do horizonte de expectativas

Considerando que houve a participação de um convidado para falar suas experiências de leitura e sua relação com os livros, o professor pode propor um debate sobre as diferentes experiências de leitura de cada um e a partir dessa realidade atrelar uma reflexão que dialoga com outros dos sentidos presentes no texto *Felicidade Clandestina*, por exemplo, a respeito de como as relações humanas estão pautadas por comportamentos diversos (Esses, algumas vezes formatados com base em preconceitos sociais perpetuados). No conto lido a prática mesquinha da filha do dono da livraria escondia uma forma de mostrar-se superior nas benesses materiais, já que não desfrutava de uma aparência socialmente cultuada, como as de suas demais “amigas”. Presumido que esse aspecto ganhe relevo na discussão e leve a reflexão sobre a questão de como muitas vezes se estabelecem as relações entre os jovens, o professor pode propor a leitura do conto *Luz sobre a porta*, de Luiz Vilela. Esse conto que tem uma estrutura compositiva em forma de um diálogo e faz uma reflexão a respeito de como o idoso é tratado.

Neste momento o professor deve ele mesmo fazer a leitura do texto proposto, porém sempre motivando a participação dos alunos. A proposta para continuar o trabalho com esse texto é dividir a turma em plateia e atores e fazer uma dramatização do conto. O papel da plateia será de observadores e críticos, analisando se a proposta da dramatização foi coerente com alguns dos sentidos propostos no texto. Para isso, a plateia pode ser dividida outra vez em grupos menores e cada grupo deve ficar como observador de um personagem, buscando identificar a multiplicidade de sentidos que as ações e as falas desses personagens remetem ao texto.

4. Questionamento do horizonte de expectativas

Para essa etapa propomos a atividade de debate oral. Esse deve ser mediado pelo professor, que pode, previamente, organizar alguns questionamentos para direcioná-lo. Como sugestão marque-se: as expectativas que você(aluno) tinha com os dois contos se concretizou? De que modo os sentidos propostos nos dois textos exerce sua função social? A construção poética e o uso da linguagem e dos recursos formais se apresentaram da mesma forma nos dois textos trabalhados? É possível que o conto se apresente em outras formas de estruturas compositivas? Por que? Os dois contos em relação à estrutura de composição apresentam diferenças?

5. Ampliação do horizonte de expectativas

Nessa etapa a proposta é alargar as possibilidades de recepção com outras produções do



mesmo gênero. Para isso, partimos das respostas apuradas na fase de questionamentos dos horizontes de expectativas. Supomos que eles cheguem à conclusão que os recursos de linguagem e construção poética apareceram da mesma forma nos dois contos. A partir desse dado, o professor pode apresentar os contos: Conto 73* - Dalton Trevisan, Circuito Fechado – Ricardo Ramos. Esses dois contos podem, de acordo com devida mediação do professor, mostrar que a forma de linguagem e construção poética podem variar dentro desse gênero.

O que pode também coadjuvar nessa fase é a proposta de recepção com textos de outros gêneros, por exemplo aqui podemos usar a música Águas de Março de Tom Jobim, esse texto enquanto a questão de recursos de linguagem dialoga com a estrutura do conto Circuito Fechado. A partir dessas abordagens a atividade com o gênero prossegue, com proposta para leitura de outros contos.

Considerações Finais

Ao longo da investigação tivemos a oportunidade de estudar outros métodos e propostas de para o trabalho para leitura do texto literário. Vale sublinhar que o limite dos objetivos dessa investigação nos levou a apresentar o Método Recepcional como uma possibilidade de metodologia. Logo, abordar o texto literário por esse ou outro método, significa ter em mente que nem um método é infalível. Suas técnicas apontam uma indicação de um caminho a ser seguido, e não a certeza que o resultado será o desejado. Por isso, é importante que o domínio do professor no que se refere aos pressupostos da metodologia favoreça a adequação do percurso as diferentes realidades dos alunos/leitores/receptores

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (ccord. De tradução Alfredo Bosi)
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo, Contexto 2006.
- LISPECTOR, Clarice. O primeiro beijo. São Paulo:Ed. Ática, 1996
- RAMOS, R. Circuito fechado. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- RUSS, Jacqueline. O método em Filosofia. Trad. Gentil A. Titon. Petrópolis: Vozes, 2010.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

SCLIAR, Moacyr. O tesouro no quintal. In: Revista Escola (língua Portuguesa – Prática Pedagógica) Edição Especial 11/2007.

SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares dos. Democratizando a Leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte, Autentica, 2008.

TREVISAN, Dalton. 1994. “Clínica de repouso”. Julieta de Godoy Ladeira, org. Contos brasileiros contemporâneos. São Paulo: Moderna.

VILELA, Luiz. Tarde da noite. São Paulo : Ed. Ática, 1998.

ZILBERMAN , Regina. Estética da Recepção e História da Literatura. São Paulo, Ed. Ática, 1989.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br